

A confusa estética do branco

DF- Brasília

□ **A decisão de Niemeyer de pintar a Catedral de branco gerou uma controvérsia em torno da cor, que elimina o cinza do concreto e aproxima os fiéis da simbologia cristã, onde o branco é paz, luz e clareza de espírito, tudo isso fora dos eixos estéticos da discussão, já que nada se contesta, a nível oficial, quando o criador de Brasília põe a mão. O banho de branco gelo na Catedral serviu porém para reacender uma questão: a autocracia**

arquitetônica de Oscar Niemeyer. Quanto à sua explicação de que o branco na Catedral a coloca em sintonia com as igrejas barrocas do interior do país, Fernanda Colagrossi, presidente do Comitê Brasileiro do Conselho Interamericano de Monumentos e Sítios (Icomos), ligado a Unesco, acha que ela deveria permanecer em sua cor original tal como foi incorporada ao Patrimônio da Humanidade.



Liliane Machado

Antes mesmo que Brasília fosse transformada em patrimônio histórico da humanidade, a Catedral Metropolitana, situada no alto da Esplanada dos Ministérios e ladeada por um batistério exterior e o campanário, formava um dos principais símbolos da cidade. Construída em concreto e concebida em um único feixe de colunas a se projetar para o alto, seu visual se transformou singularmente com a pintura em branco gelo a que está sendo submetida.

O branco na Catedral deu origem imediata a uma discussão entre os habitantes da cidade sobre a provável descaracterização de um dos monumentos de uma cidade conhecida mundialmente por ser feita de concreto e vidros. Ainda que interessante a discussão estética, ela pode ser relegada a um plano inferior quando se questiona o veredito indiscutível das decisões do arquiteto Oscar Niemeyer em qualquer modificação nos monumentos da capital federal.

Mais de 20 anos separam a Brasília da década de 60, quando Niemeyer ainda era o responsável pelas construções aqui realizadas (antes de ser cassado pelo regime militar), da cidade habitada por mais de um milhão de habitantes, na década de 80. O mito Niemeyer, que projetou a arquitetura brasileira mundialmente, corre, agora, o risco de cair nas armadilhas da inquestionabilidade estéril.

Mecenato

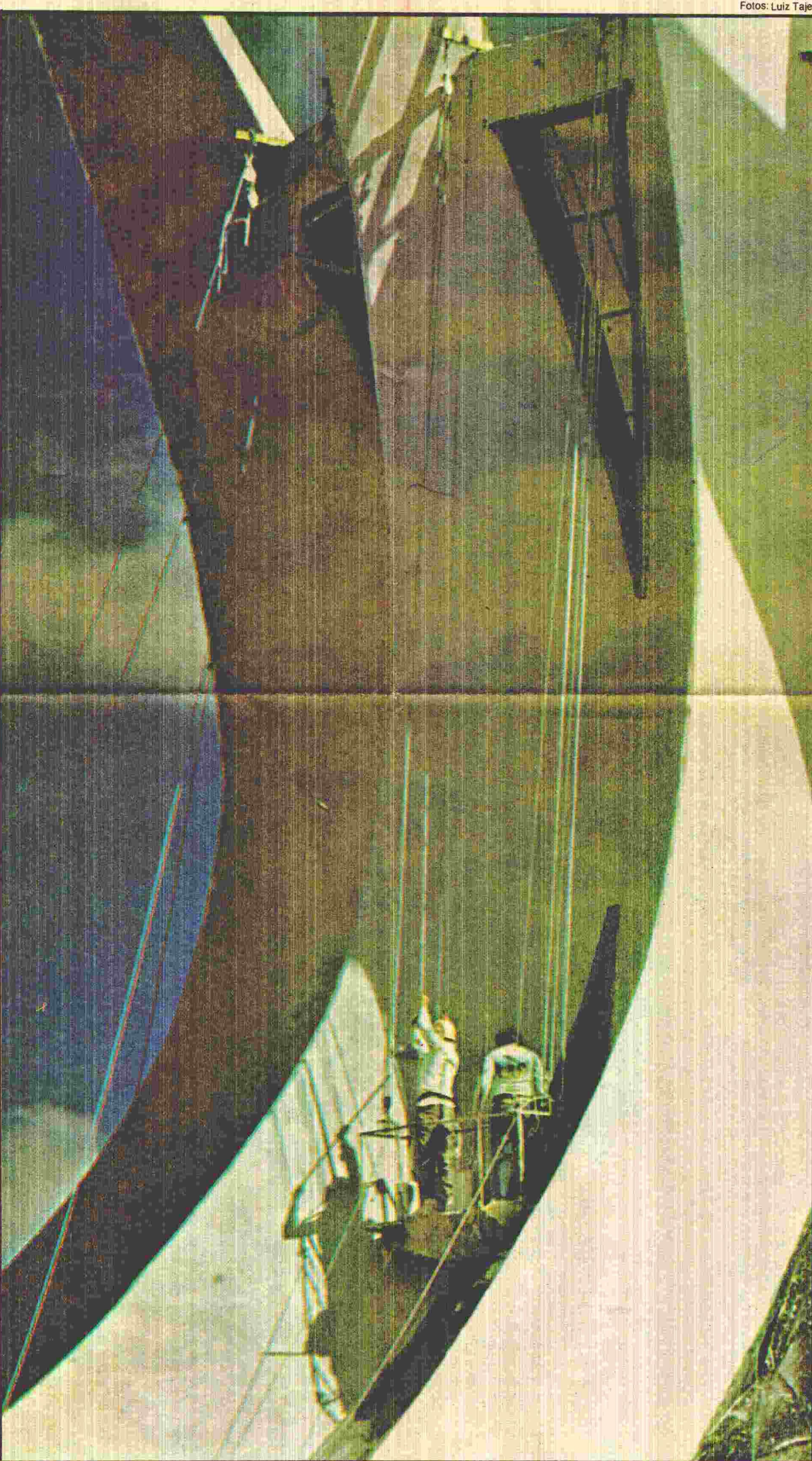
José Roberto Bassul, presidente do Instituto de Arquitetura do Brasil, seção Distrito Federal (IAB/DF), é um dos que prefere não aprofundar a questão estética que originou a pintura em branco na Catedral, pois ela sempre terá explicações formais. Na opinião de Bassul, o que se deve criticar, prioritariamente, é o mecenato instituído pelo governador José Aparecido na reforma dos monumentos brasilienses.

O presidente do IAB/DF lembra o início do mecenato, quando o Palácio da Justiça sofreu reformas que alteraram os arcos da fachada exterior do prédio para que ele retomasse o aspecto previsto no projeto original. "Por mais louvável que tenha sido o resultado da reforma, isso custou quantias enormes para os cofres do GDF, unicamente para atender a um capricho estético de Niemeyer. O reconhecimento que ele usufrui mundialmente implica num maior compromisso social, que atenda ao momento de crise por que passa a economia", afirmou Bassul.

No caso da reformas na Catedral, que se iniciaram em março de 86 e deverão ser concluídas em dezembro deste ano, Bassul admite que elas eram necessárias, já que havia infiltração no teto, fungos nas paredes e alguns vidros quebrados. O valor total da obra está avaliado em 128 milhões de cruzados. Os custos foram cobertos inicialmente pela iniciativa privada, mas a partir deste ano eles estão sendo bancados pelo Banco do Brasil.

A licitação é obrigatória

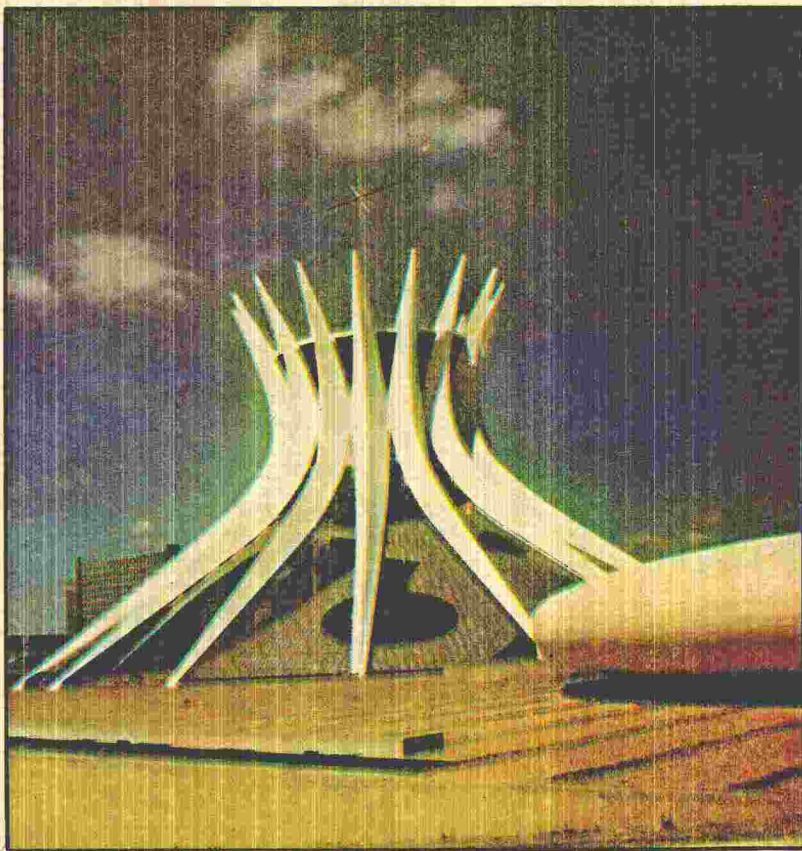
O que mais preocupa, não só os arquitetos brasilienses, mas a população em geral, é a não realização de concursos públicos para as reformas dos monumentos brasilienses. A legislação previne que a reforma ou construção de qualquer obra pública implica em licitações, salvo os casos de "notória especialização" ou de "natureza singular", que numa primeira avaliação se aplicaria ao



Fotos: Luiz Tajés

Detalhes da construção

A construção da Catedral de Brasília foi iniciada em 12 de setembro de 1959 e em 1970 entregue ao uso da população sem estar completamente concluída. Medindo 40 metros de altura, com capacidade para quatro mil pessoas e um conjunto anexo de dez mil metros de construção, a Catedral é dedicada à Nossa Senhora Aparecida. 21 montantes, contidos em uma circunferência de 70 metros de diâmetro, marcam o desenvolvimento da fachada, numa composição como de ascensão para o infinito. Em volta da nave encontram-se as capelas e ainda as ligações com as salas e serviços anexos e o batistério, localizado, como primitivamente, fora do templo. A entrada em rampa leva os fiéis a percorrer um espaço de som-
bra antes de atingir a nave.



domínio de Niemeyer nas alterações arquitetônicas locais.

Mas o arquiteto Bassul discorda da aplicação da "notória especialização" nesse caso, já que na sua opinião, qualquer um dos cinquenta mil arquitetos brasileiros estariam em condições de realizar um projeto. Ele lembra, ainda, que Brasília foi construída através da realização de um concurso internacional, do qual participaram 26 projetos, cujo vencedor foi Lúcio Costa. "A notoriedade gera a responsabilidade e Niemeyer deveria ser o primeiro a zelar pela necessidade dos concursos públicos", alertou Bassul.

Se há os que discordam da maneira como estão sendo feitas as reformas, há também os que a defendem irremediavelmente. Cláudio Queiroz, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, afirma que "mestre Niemeyer" é o autor dos projetos e nada mais justo que ele os concretize.

O fato de Niemeyer modificar alguns de seus projetos, como é o caso da Catedral, decidindo pela sua pintura em branco gelo, não perturba Queiroz. O professor argumenta que, com a pintura, o batistério e o campanário "resurgiram do anonimato" e o conjunto dos três monumentos se harmonizará com a Esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional.

Paulo Magalhães, outro professor de arquitetura na UnB, considera natural que Niemeyer conclua a obra que iniciou e só faz uma ressalva: "A Catedral ficou ótima pintada. Agora seria necessário que a Esplanada sofresse uma correção, não do ponto de vista de volume, mas da cor. Aquele tom de verde desmaiado nas laterais dos ministérios não se harmoniza mais com a Catedral", assinala, sem apontar soluções.

A população diverge

Se os arquitetos têm opiniões desencontradas sobre a reforma na Catedral, a população diverge mais ainda. De 30 pessoas entrevistadas, a média se posicionou contrária à pintura, que teria descaracterizado a igreja. Os que a defendem, argumentam que ela adquiriu um certo "ar de limpeza". Os mais cautelosos preferiram dizer que ainda não se acostumaram com o novo visual, mas não são totalmente contrários à pintura.

A opção do branco na Catedral, segundo declarações do presidente da Novacap (empresa responsável pelas obras), Marcos França, foi tomada por Oscar Niemeyer, numa referência/homenagem às igrejas caiadas de branco das cidades do interior do Brasil, construídas no estilo barroco. A colocação dos vitrais, cuja responsável é Marianne Perretti, já estava prevista no projeto inicial.

Resta a dúvida quanto à relação entre as igrejas caiadas de branco do Brasil colonial e um monumento de expressão máxima do modernismo. Novamente é Cláudio Queiroz quem defende Niemeyer explicando que ele nunca foi um racionalista limitado. "Quando Le Corbusier (arquiteto francês, pai da moderna arquitetura), pregava a ditadura do ângulo reto, Niemeyer construiu a Pampulha (sediada em Belo Horizonte, datada de 1942), um monumento que é a síntese das características do povo brasileiro, unido aos ditames modernistas". Vestida de branco, a Catedral segue impune na missão de apoiar espiritualmente os homens, ainda que tenha sido criada por um ateu convicto.